

Editor: Landro Oviedo



www.landrooviedo.com



www.landrooviedo.com

Número 30
Dezembro/2014-
Janeiro/2015
Contatos:
(51) 4100-0040
landrooviedo@uol.com.br
Porto Alegre-RS

“Nada há mais desigual que a distribuição de glórias.” (Joaquim Nabuco)

Caderno de Notas

* **EMPLACAMENTO** - O governo federal quer implantar o emplacamento de tratores e de máquinas agrícolas foi de cabo de esquadra. Ora, isso só serve para mostrar que o verdadeiro sentido dos órgãos de trânsito é funcionar para encher as burras de dinheiro. Pior que conseguiu descontentar desde os pequenos agricultores até o agronegócio.

* **MEMÓRIA** - Vale dizer que **descordo das trocas de nomes de representantes dos regimes autoritários por outros. Embora concorde que os personagens da história popular mereçam ser lembrados, como João Cândido e Frei Caneca, nossos inimigos e seus nomes jamais devem ser esquecidos. A memória coletiva não deve vacilar. Nem correr o risco de o passado se repetir como farsa da classe dominante.**

* **PSOL** - Melancólico o papel do PSol para ajudar o governo federal a mudar as metas de superávit, ratificando as contas de um governo perdulário. Ajudou a livrar a cara de Dilma de eventual enquadramento por crime de responsabilidade. Agora, outros governos, de estados e de municípios, vão querer também ser ajudados. É aquela história: passa boi, passa boiada.

* **MARILINDA** - A advogada e jurista das causas sociais Marilinda Marques Fernandes foi, no dia 17.12.2014, agraciada com o título de cidadã de Porto Alegre. Muito justo para quem fez e faz da sua atividade cotidiana um meio de elevar as consciências e de suporte para que os trabalhadores possam sempre reivindicar o que lhe cabe num mundo capitalista de restrição de direitos. Parabéns, Marilinda. (Landro Oviedo)

Bem-vindo ao estelionato eleitoral de Dilma Rousseff e do PT

Nem bem terminaram as eleições e o mundo novo prometido pelas elites durante a campanha eleitoral ruiu como um castelo de cartas. Os brasileiros que, a duras penas, frequentam supermercados já estão vendo que os preços dos produtos estão nas alturas, assim como os dos serviços. Inflação de menos de 7% só existe na contabilidade fajuta do governo federal. As coisas começaram a piorar já com o aumento dos combustíveis, da energia elétrica e de outros preços administrados. Com isso, o que se prevê é um incremento dos preços em escala em toda a economia. O pior é que essa recessão deverá vir com o aumento dos juros e de tributos. Agora, mesmo, o governo federal, descaradamente, articula a volta da CPMF, sob o pretexto de direcionar as verbas para a saúde, mas o verdadeiro objetivo é arrecadar para tapar o rombo das contas públicas, deficitárias pela ganância governamental em privilégios e em licitações superfaturadas,

como as da Petrobras.

Nunca se viu tamanha falta de vergonha de um governo, que negocia uma maquiagem nas suas contas para apresentar superávit, autorizando assim o repasse de verbas para o sistema financeiro via pagamento da dívida pública. Além disso, os juros só aumentam para garantir a rentabilidade dos banqueiros que emprestam dinheiro para um governo perdulário. No final, a conta vai estourar no bolso de quem? Do brasileiro, claro, daquele que realmente produz para que essa camarilha no poder usufrua e gaste o dinheiro ganho com o suor alheio. O PT e Dilma Rousseff perpetuam um modelo injusto que só favorece a eles mesmos e a essa camarilha que os sustenta no poder. Só as ruas podem mostrar que a insatisfação continua, apesar das eleições manipuladas.



Reação ao Estatuto do Desarmamento

A pressão popular foi tão grande contra o chamado Estatuto do Desarmamento, articulado pelo governo federal para desarmar a população e fortalecer a bandidagem, que foi impossível que parlamentares não ouvissem a opinião pública clamando contra esse monstro. Aliás, tudo começou já no referendo de 2005, quando mais de 60% dos votantes foram contra a proibição do comércio de armas e de munições. Diante disso, diversas propostas tramitam no Congresso Nacional com o intuito de revogar essa lei que nada mais faz do que armar o bandido, que não respeita lei alguma, e desarma o brasileiro honesto, que fica sem meios de reagir a uma investida criminosa, coisa muito comum hoje em dia, tanto na cidade como no cam-

po, onde famílias inteiras ficam à mercê da bandidagem, que mata e estupra. A polícia só aparece após o crime cometido para fornecer dados para as estatísticas.

O maior entrave para a revogação dessa lei paternalista com os criminosos é a bancada do PT e dos seus aliados, que querem justificar sempre o crime com razões sociais. Ora, se fosse assim, haveria 60 milhões de delinquentes no país, no mínimo, porque esse é o montante que vive abaixo do nível mínimo para sobreviver. Chega dessa cantilena paternalista. Todo brasileiro tem o direito de se defender da violência urbana e rural, inclusive dos grileiros do agronegócio. Que esse estatuto pernicioso seja revogado o quanto antes.

CURSO BÁSICO DE **PORTUGUÊS**
Prof. Landro Oviedo
✓ Concursos
✓ Vestibular
✓ Aperfeiçoamento
☎ 4100-0040 / 9201-3065
www.cursodeportugues.zip.net

Para informações sobre o Curso Básico de Português, contate pelo e-mail landrooviedo@uol.com.br



Salvem os plurais!
www.landrooviedo.com

www.landrooviedo.com

RBS tenta reabilitar Antônio Britto

Quem abriu as páginas do jornal Zero Hora, edição dominical de 14.12.2014, deparou com uma matéria de três páginas com Antônio Britto, ex-governador do PMDB, que fez uma gestão privatista e entreguista, contando com o apoio do Grupo RBS, quando não com seu conluio, para participar do butim, como ocorreu com a CRT, que foi vendida a preço camarada para a iniciativa privada, inclusive para para a própria RBS, que participou da negociata. Além da implantação dos pedágios, Britto também vendeu grande parte da CEEE e só não vendeu o Banrisul porque não se reelegueu.

Pois a entrevista é um jogo de cena para mostrar Antônio Britto como vítima, como se estivesse à frente do seu tempo com uma gestão moderna.

Nada mais falso. Seu governo fez exatamente o antigo jogo do mercado e dos grandes tubarões da economia, tanto locais como de além-fronteiras. Fez a alegria daqueles que querem usar o patrimônio público para alimentar sua voraz vontade de ficar ainda mais capitalizados à custa da população. No conjunto da obra, é uma tentativa de limpar a cena de um crime do qual foram cúmplices. Uma caricata tentativa de defender o indefensável. E ainda sem, em nenhum momento, fazer qualquer referência à imoral pensão de ex-governador que Britto recebe dos cofres públicos, uma mordomia paga por um povo sofrido, que não tem escola, saúde, saneamento ou segurança pública. Britto e RBS, quase sinônimos na arte de avançar sobre o Erário.



RBS e Britto: tudo a ver

LITERATURA

O arúspice

- O senhor não é desembargador?

Entrara no centro de compras atrás de prosaico tênis e, quando caminhava para a loja, sou interrompido pela pergunta do simpático cidadão que estorva o passo.

O primeiro sentimento é de orgulho, “puxa, sou conhecido fora de Bagé”; ou “será ele parte em demanda julgada”; ou um velho cliente; quem sabe ex-aluno da constelação de estrelas que ilumina minha existência; ou ouvinte que assistira a palestras; enfim, muitas as interrogações ofuscadas pelo quesito inesperado.

- Sim, estufo e respondo, enquanto premia a mão do admirador desconhecido, vindo que se cuidava de indivíduo de aparência veneranda, traje bem cortado, gravata de laço moderno, a gola obedecia a regras da moda, portanto, figura respeitável.

Não, não houvera sido discípulo; tampouco advogado; nem escutara arenga jurídica ou lera textos outros; definitivamente jamais me vira; habitava uma cidade que, como a minha, mexera na grafia decapando a genética indígena;

a surpresa, daí, era completa e impunha aclaramento.

Pois o senhor sabe, confidenciou deglutindo palavras, tenho um carisma (lógico, esse termo não foi dito, mas uso em prol de riqueza ficcional) que permite adivi-



nhar a atividade de qualquer um, é como estalo que ruboriza a mente (insisto em cultivar o estilo), tais como ondas que vêm do mar (um jargão é sempre necessário).

Deixando de lado o fator estético, curioso por enigmas e agouros, estendi o diálogo para

explorar o profeta que narrou mais algumas experiências; e para não ficar mal colocado discorri sobre leituras, premonições, experiências e fatos, pois, já que me fora atribuída função proba, também precisava demonstrar cultura geral a fim de não comprometer a instituição ou o apreço do atropelado passante.

E tanto vai, e tanto leva e traz, antes que consumasse o convite para degustar cafezinho ali por perto, que de inopino o alvitado arúspice, com a frieza de um espadachim florentino, estoca o improviso final: “O senhor me empresta cinco reais?”

Senhores, aparvalhado, abalaram-se as estruturas do império otomano; caíram os muros de Jericó; um archote dizimou os jardins da Babilônia; a hidra de Lerna abocanhou o bezerro de ouro; o mar vermelho abre e por ele correm hititas, celtas e querubins. Em resumo: confusão na grande área.

Não sei se a carência do pedido ou a estupefatação ordenam o gesto.

Moralistas, obedeci.

(José Carlos Teixeira Giórgis)